

ENTREVISTA / MARCUS VINÍCIUS FAUSTINI, DIRETOR TEATRAL E CINEASTA

‘O cinema é um desses óculos mágicos e poderosos que pode nos levar além’



Artista gestado na periferia carioca, o realizador Marcus Vinícius Faustini repassa sua trajetória, aprofunda a discussão sobre seu longa “Ana” e joga foco sobre os desafios da arte independente no Brasil. Confira a entrevista abaixo.

A que tradição do realismo social o seu “Ana” se filia e de que forma ele expande uma dramaturgia de laços com a sociologia que você persegue desde o teatro, nos anos 1990?

Marcus Vinícius Faustini: Eu diria que o “Ana” se filia a uma tradição de cinema independente que busca dar vida nas telas a personagens das classes menos favorecidas da sociedade e que vivem suas vidas marcadas pela experiência de circularem nas cidades, em busca de trabalhos, de afetos... Eu tive que investir R\$ 150 mil do próprio bolso para conseguir realizar o filme. Raspei o porquinho. Mas, como não sou herdeiro de nada, teremos que batalhar muito para recuperar esse recurso. Isto não é um ato heróico e nem um capricho pessoal, é uma visão de que este tipo de filme que valoriza personagens, e suas vidas nas cidades, precisam existir. É um ato político, empreendedor e artístico. Isso tudo só foi possível

também por conta das parcerias que tive no filme, desde o produtor Cavi Borges - mago do fazer independente - até a equipe criativa e elenco. Acredito que um filme que valoriza personagens pode ser fundamental em uma nova comunicação que ajude a re-tecer o fragmentado tecido social brasileiro. Esse tipo de filme precisa existir. É assim que ampliamos os horizontes.

De que forma o seu cinema assume a cidade como personagem, a se julgar o fato de que a metrópole de onde parte - o Rio de Janeiro - vem sendo limitada, nas telas, historicamente, a um recorte situado na Zona Sul, sem atenção às periferias?

Essa hierarquização que valoriza imagens e vidas de partes mais favorecidas das cidades faz a indústria criativa do audiovisual deixar de produzir muitos conteúdos que poderiam aumentar os laços do nosso cinema com o público, além de ser um pacto perverso com a desigualdade escandalosa da sociedade brasileira. Precisamos olhar através dos olhos de personagens que vivem outras realidades, mas que convivem na mesma cidade que nós. O cinema é um desses óculos mágicos e poderosos que pode nos levar além. Quando faço cinema, teatro, literatura e até gestão de projetos sociais, sou profundamente marcado pelas questões sociais que acontecem nas grandes cidades. Cidades, seus personagens e ques-



Divulgação

tões sociais dizem respeito à minha experiência de vida, mas também é algo presente em todas as realizações culturais, artísticas e sociais que já me envolvi ou liderei. “Não é viagem”, como diria Sabotage.

Cineastas bastante diversos como o malao radicado em Taiwan Tsai Ming-liang (“O Sabor da Melancia”) e Marcelo Piñeyro (“Plata Quemada”) moldaram a sua forma de olhar a realidade,

o tempo e o espaço. Mas onde (e como) a poesia de um e a aspereza do outro te amparam em “Ana”?

Ana vive em uma região do subúrbio onde alguns vizinhos perseguem seu irmão Diego, que está descobrindo a cultura drag. Ela, chegando perto dos 30, trabalha em bicos, sendo passeadora de cachorros na Zona Sul. Tenta cuidar do irmão, pois a mãe morreu recentemente. Tem um casal de amigas feministas que a colocaram na terapia. Tem um namorado disfuncional. Aprende coisas sobre si ao longo do filme e enfrenta adversidades e perigos urbanos. Diante desses eventos, o filme propõe um olhar sobre como a delicadeza está sob pressão permanente da dureza da realidade. E não tem outro caminho, não tem fuga. É daí que temos que nos reinventar.

Você lança seu filme num festival que te serviu de espaço de formação, que te deu a vitrine da mostra Novos Rumos em sua longa de ficção de estreia: “Vende-se Esta Moto”. O que o Festival do Rio traz de mais significativo para a sua forma de pensar o cinema e de se pensar no cinema?

Marcus Vinícius Faustini: Lançar o “Ana” na Premiere Brasil de Longas de Ficção é a realização de um sonho de menino. Cresci na periferia e sempre desejei fazer cinema, mas, ali nos anos 1980, não existiam políticas públicas que garantissem acesso ao ensino de cinema, de produção e realização audiovisual, nessas regiões. Fui escrever literatura porque só precisava da minha cabeça. A partir daí, fui fazer escola de teatro pra ganhar método, e isso mudou tudo. Aprendi a realizar... e cooperar. Durante muitos anos, as edições do Festival do Rio foram para mim a oportunidade de ver filmes diferentes e ampliar meu repertório. Certamente, viver a realização de ver o “Ana” no Festival do Rio é um dos momentos mais alegres da minha vida. Sou grato ao garoto que fui. Ele me trouxe até aqui.